

BRUNO LIMA<sup>1</sup>

LIMA, Ricardo Vieira. *Ariete: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Circuito, 2021.

Marcos Siscar, em *Poesia e crise* (2010), questiona a razão de ainda hoje se escrever sobre poesia, seja em trabalhos acadêmicos, seja em periódicos de grande circulação. É consenso que, em um país cujo índice de leitura é baixo, o número de leitores de poesia torna-se ainda menor, em comparação com os da prosa. Inevitável referirmos o questionamento de Adorno (1995) sobre se haveria ou não poesia após a barbárie de Auschwitz. Apesar do tom apocalíptico do filósofo alemão, a poesia resistiu e se faz necessária, pois, de acordo com Siscar (2010, p. 178), “[...] a ‘poesia’ não é exatamente aquilo que está em crise, mas é o nome da própria crise”. Felizmente ainda há quem insista no ofício poético, pois, como diria Ezra Pound (1973, p. 38), “[...] um povo que cresce habituado à má literatura é um povo que está em vias de perder o pulso de seu país e o de si próprio”.

Ricardo Vieira Lima é um poeta que fornece aos leitores condições necessárias para não se perderem em função de uma “má literatura”. Em seu livro de estreia, *Ariete: poemas escolhidos*, ele apresenta-se não como um neófito, mas sim como um poeta maduro que domina a técnica, sem, com isso, engessar-se em formas fixas. Alguns dos poemas do livro já haviam sido publicados em antologias e revistas especializadas antes de finalmente figurarem em seu primeiro livro solo. Como o mesmo afirma na seção dedicada a depoimentos e notas, aguardou o amadurecimento para finalmente decidir-se pela publicação. Certamente obteve êxito. O título do livro, a propósito, indicia um paradoxo interessante: normalmente poemas selecionados em um recorte temporal são fruto de autores com alguns títulos lançados e cuja antologia recupera poemas mais consagrados. Ricardo Vieira Lima, com sua seleção, enfim dá ao público o que produziu em três décadas e que merecia um “exemplar único”, como diria Brás Cubas.

O poema de abertura, “Ariete”, escrito em quartetos de redondilhas maiores, encerra-se de forma lapidar: “Escrevo todos os meses/ e não vejo outra saída./ Escrevo para as paredes:/ não posso escrever pra vida.” (LIMA, 2021, p. 25). Ao anunciar que es-

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada (UERJ), com bolsa FAPERJ. Atualmente trabalha como professor-tutor do Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Unyleya (EaD). E-mail: bruno.lima\_rj@hotmail.com

creve todos os meses, o eu lírico se coaduna com a afirmativa de Pound (1973, p. 152), de que “[...] o domínio da técnica não é alcançado sem pelo menos certa persistência.”. Uma primeira leitura que ignora que o poema foi escrito nos anos 1990 e publicado antes da tiragem em livro poderia sugerir que escrever “para as paredes” era uma necessidade do poeta ainda inédito, insuspeito de que atingiria a vida com a publicação do livro anos depois. No entanto, este poema, que dá título ao livro, parece referir-se antes à incomunicabilidade da poesia na contemporaneidade, e, segundo o próprio autor de “Ariete”, em sua tese de doutorado intitulada *#queversoueu: a revalorização da subjetividade na poesia brasileira contemporânea* (UFRJ, 2019), remeteria ainda ao afastamento de parte dos poetas da Geração 90 (à qual Ricardo pertence), frente ao que estava ocorrendo, naquele momento, no mundo real, fora da “bolha” da literatura. Demasiadamente “cabralina”, parte dessa geração, segundo o autor da referida tese, teria lido a obra do poeta pernambucano sob uma ótica excessivamente formalista, confundindo *complexidade* (uma das “duas águas” da poesia de João Cabral) com *hermetismo* (característica dos poetas que, na época, “escreviam para as paredes”).

Por outro lado, é interessante observar que, ainda que o livro dialogue com nomes canônicos da poesia brasileira e universal, “Ariete” pretende – e consegue – transcender a tradição e firmar um novo direcionamento para a poesia de Ricardo Vieira Lima. Sua elaboração em redondilhas denota a capacidade técnica do poeta em metrificar o poema, do mesmo modo que igualmente consegue escrever sonetos perfeitamente metrificados, a exemplo do poema “Voragens” (p. 59). Contudo, “O poema não é um corpo estático”, como se lê em “Objeto errático” (p. 29), páginas adiante.

Desse modo, Ricardo Vieira Lima demonstra versatilidade para compor, em um único verso, toda a poesia necessária, caso de “Resposta a Thomas Morus:”, no qual se lê: “Utopia é o nome da nossa incompetência.” (p. 69). A referência ao humanista e filósofo britânico é exemplar da intertextualidade presente no livro. Há vários poemas em que é explícito o dialogismo com poetas canônicos, como João Cabral, Manuel Bandeira, Drummond e outros. Isso demonstra, além de certa filiação e demonstração de conhecimento poético, uma forma de se posicionar como poeta contemporâneo que, sem se prender formal e tematicamente aos autores com quem dialoga, alcança seu próprio caminho, no sentido empregado por Flávio Carneiro (2005), quando este afirma que os escritores contemporâneos livram-se da ideologia de seus antecessores e passam a conviver em harmonia. Na seção intitulada “Itinerários”, tal diálogo com a poesia canônica é mais explícito, muito embora ele se possa verificar, por um leitor atento, em todo o livro.

Há quem defenda que é função da arte ser crítica e assim evidenciar aspectos sociais que necessitam de denúncia. Nessa direção, Ricardo Vieira Lima cumpre seu papel de poeta-crítico com olhar arguto sobre temas delicados de nossa contemporaneidade. Diante das barbáries que vivenciamos nos últimos anos, o poeta lança luz sobre os mais variados aspectos, como a artimanha perpetrada por Sérgio Moro, no julgamento que levou à prisão o ex-presidente Lula, em “O processo: (a)fundamentos de uma sentença ou questão de (falta de) princípio(s)” (p. 173), e em “Motivo da rosa” (p. 175); uma espécie de “desabafo” poético no dia seguinte à eleição do presidente Jair Bolsonaro, em “Parada tática” (p. 177); a pergunta ainda sem resposta sobre o crime político que chocou o Brasil, no poema “Indagações de hoje” (pp. 179-181), no qual nomeia e enumera várias mulheres assassinadas, ao longo da história, e cujo verso final de cada quarteto questiona: “Quem mandou matar Marielle Franco?”; o racismo ainda presente no país, ao denunciar as mortes brutais do músico Evaldo dos Santos Rosa e do morador de rua Luciano Macedo, ambos negros, em “Domingo de samba, domingo de sangue” (pp. 183-185). Estes poemas compõem a seção “Pentalogia dialogal” e curiosamente são todos datados, sem que, com isso, estejam reféns da referencialidade, dada a capacidade do autor de poetizar atos hediondos, demonstrando seu olhar ferino e atento, sem, contudo, ser panfletário.

A crítica sociopolítica encontra-se igualmente em “Obituário do verde” (pp. 93-107), poema narrativo-jornalístico, que, com datações dentro do próprio texto, estrofe a estrofe, de 9 de setembro de 1987 a 21 de dezembro de 2020, relata de que maneira vários biomas, brasileiros e estrangeiros, têm sido alvo do teor predatório inerente ao homem, uma vez que, “Na Antiguidade, o homem morava nas árvores”, e, atualmente, “O homem é o único animal que desceu das árvores e começou a cortá-las”. Fica evidente que o olhar do poeta também incide sobre temas importantes e urgentes da atualidade.

Tal senso crítico demonstra o caráter ímpar do poeta. Em “Estirpe tardia” (p. 27), lemos: “Pertencço a uma rara estirpe.”. O leitor, com o livro em mãos e antes de ler os poemas, certamente fica curioso, em razão da suposta qualidade do poeta, anunciada nos paratextos da quarta capa (assinada por Afonso Romano de Sant’Anna) e das orelhas, que exibem trechos laudatórios de diversos nomes canônicos da literatura. Finda a leitura do livro, dá razão a essas palavras encomiásticas. Por ser de rara estirpe, Ricardo Vieira Lima consegue, de forma bastante interessante, flertar ainda com a poesia visual, em poemas que, para além do aspecto plástico, dialogam com nomes como Shakespeare e Camões, a exemplo de “Encontros notáveis” (p. 79). Também não deixa de exercer sua crítica social em outro poema visual, cujo texto, estampado no rótulo de uma garra-

fa, diz: “Don’t Forget It/ Um Minuto de Silêncio/ em homenagem à/ MEMÓRIA da/ MEMÓRIA NACIONAL” (p. 85). Como já se disse, o poeta é versátil na composição de versos metrificados e de formas fixas, mas sua poesia igualmente abarca formas breves e visuais.

A temporalidade anunciada e enfeixada no título da obra, composta por poemas que vão de 1990 a 2020, e explícita em algumas peças datadas, não torna a poesia de Ricardo Vieira Lima refém do tempo, ao menos se compreendermos a contemporaneidade como pensou Agamben (2009). A circularidade presente em “Here Comes The Sun King” (p. 67) pode ser compreendida como o inacabamento temporal e sempre presente da poesia. Um ótimo exemplo dessa atemporalidade encontra-se, justa e dialeticamente, no poema “Elegia patética no verão de 95” (pp. 89-90), cujo título indica com precisão uma data. Porém, lemos: “No verão, voltamos aos 60, aos 70 e 80, em várias noites insones” (p. 89), e, mais à frente: “Se a única coisa eterna é a mudança” (p. 90); para o poeta, “o tempo é quando” (retomando o famoso verso viniciano). Com efeito, o leitor notará várias mudanças em *Aríete: poemas escolhidos*, passando inclusive por poemas em que há humor, como no verso “Vim pedir a mãe da sua filha em casamento” (“Ao grave senhor de óculos”, p. 53), e noutros, um forte erotismo – caso de “Mulheres” (p. 123) e “Mulheres 2” (p. 125).

Para finalizar, afirmo não haver necessidade de receio, por parte de Ricardo Vieira Lima, como o eu lírico anuncia em “Canção do velho poeta e da trajetória do medo” (pp. 135-136): “Quando comecei/ a escrever,/ tive medo/ de não ser editado” (p. 135), pois, em outro poema fica claro que, “Nas suas costas, há o peso acomodado dos poemas,/ milhares de poemas: seus, e dos demais/ autores que lhe foram ou lhe são caros.” (“Itinerário de um poeta”, p. 133). É com toda essa bagagem poética, calcada na tradição, que o poeta a ela se consorcia, mas vai além, capaz de apresentar uma poesia original e autêntica, sem nada a dever aos leitores, sejam estes eruditos ou meramente diletantes.

### Referências:

- ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In: \_\_\_\_\_. *Palavras e sinais. Modelos críticos 2*. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis, Vozes, 1995.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- CARNEIRO, Flávio. *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LIMA, Ricardo Vieira. *#queversoueu: a revalorização da subjetividade na poesia brasileira contemporânea*. Tese de doutorado em Literatura Brasileira. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Organização e apresentação da edição brasileira: Augusto de Campos. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973.

SISCAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a “crise da poesia” como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.